

O Bebê e o Corpo Construído

JOÃO GOMES-PEDRO

The Baby and the Constructed Body

Numa das obras de Leonardo da Vinci está representado o Homem no centro de um círculo que é o mundo, universo metafórico de uma existência que só o homem sabe dimensionar, em função de uma história, de um destino e, sobretudo, de uma identidade.

Esta identidade do Homem passa, indubitavelmente, pela percepção do seu corpo construído, assimilado.

O balanço desta construção consoma-se num desafio que é o da fantasia da eternidade.

Para a cultura hindu, a viabilização desta eternidade passa pelo Ayurveda que se identifica com longevidade, bem-estar e paz.

De acordo com o Ayurveda, o corpo é composto de sete elementos nutridos por humores que através de múltiplos canais fornecem o equilíbrio necessário à vida ⁽¹³⁾.

Sangue, músculo, gordura, osso, nervos, medula e esperma – os referidos sete elementos – associam-se para constituírem, simbolicamente, três humores primários correspondentes ao ar ou vento, ao fogo e à água. É o equilíbrio entre estes humores que condiciona melhor ou pior os desempenhos vitais do corpo.

O corpo humoral, metafórico, explica o corpo construído num contexto de equilíbrio na globalidade do ser.

É interessante constatar que todas as filosofias orientais entendem o corpo nessa globalidade do ser.

Para a filosofia chinesa, os determinantes da natureza são, simultaneamente, os princípios da vida humana enquanto contribuintes daquela mesma natureza.

Neste constructo, o corpo é construído e regulado pelas leis da vida.

Medicina do corpo, filosofia do ser ou gestão social identificam-se numa mesma epistemologia expressa por um modelo significativo de uma dinâmica reguladora porventura interfásica e cíclica em função das fases ou

transformações, por sua vez representações dos elementos da vida.

Água que simboliza o Inverno, madeira correspondente à Primavera, fogo representativo do Verão e metal expressão do Outono, são eles os elementos do corpo construído que é tradução da dinâmica que eles próprios geram.

A clínica na Medicina chinesa não pressupõe uma semiologia elementar porque se fundamenta numa representação das funções englobantes de todas as dimensões do ser.

O corpo construído, nesta epistemologia, não é uma metáfora. É ele próprio uma totalidade enquanto modelo representativo de uma harmonia que é empática, por ser, ela própria, transaccional.

O modelo do corpo humano seria assim não o de uma máquina onde a falta ou defeito de uma qualquer peça se exprime por doença, mas, tal como o define Fiadeiro ⁽⁵⁾, «o de um jardim onde podemos juntar ou retirar calor, frio, humidade, alimento, para que a planta seja aquilo que é, cumpra o seu projecto vital pela harmonia das forças que a constituem».

Tal como escreve Vale de Almeida ⁽¹⁾, «apesar das tentativas antropológicas para temperar as demarcações epistemológicas, a questão do corpo é central no debate entre cognitivismo e fenomenologia».

Acrescentaria, porém, que a fenomenologia da expressão corporal é informada de outros componentes quais humores da ancestralidade oriental que são determinantes da própria linguagem corporal. O corpo «fala» através das emoções, dos afectos, das relações e serão estes os mediadores significativos do corpo construído porque entendido, porque «sentido». É paradigmático o movimento do corpo de um bebé para a mãe ou para o pai quando transacionam afecto numa qualquer actividade lúdica.

Merleau-Ponty ⁽⁹⁾ assim o entendeu ao escrever que «é através do meu corpo que compreendo as outras pes-

soas; assim como é através do meu corpo que percepciona as coisas».

Será, porventura, este o constructo da Gestalt relacional de Robert Morris, representado pela permuta de duas propriedades – espaço e luz – elas próprios eventuais extensões do corpo inconstruído enquanto permanentemente procura do seu significado ou, se se quiser, da sua construção ⁽¹¹⁾.

Para Beckett ⁽²⁾ o corpo só tem sentido quando é sentido.

Ele assim o descreve: «*Eu sei que estou sentado com as minhas mãos nos meus joelhos por causa da pressão do meu corpo na minha anca, por causa da pressão das plantas dos meus pés no chão e das palmas das minhas mãos nos meus joelhos. A pressão nas palmas das minhas mãos é a dos meus joelhos, nos meus joelhos é a das minhas mãos, mas o que é que faz pressão na minha anca, e nas plantas dos meus pés?*»

A pressão como significado será, assim, como que a corporalidade do contacto, da extensão do eu, da relação.

O háptico (táctil) versus óptico será, porventura, a expressão do paradigma relacional que é, afinal, a história natural do imprinting humano.

É esta a natureza do corpo que o bebê constrói, na evolução da sua personalidade.

Voltemos, porém, ao Homem de Vitruvius de Leonardo.

Deste símbolo espantoso renascentista o que é que é preciso fazer renascer para repor o humanismo desta mensagem legada?

A simbologia desta obra prima é inesgotável.

O Homem geometricamente no centro de todas as coisas é, porém, também o homem enclausurado na sua carne, no seu microplaneta que um círculo encerra no extremo das plantas dos seus pés e das palmas das suas mãos.

O programa do Homem de Vinci era o equilíbrio, a proporção, a sabedoria.

Que programa para o homem dos próximos milénios?

O mistério que hoje já transcende o Homem de Vinci é representado por Morris como o incógnito retido em caixas que guarda os legados mais recônditos e, porventura, a identidade cada vez mais fechada do Homem de hoje.

Orgãos de animais, aparelhos electrónicos, materiais sintéticos complexos invadem hoje o nosso corpo na luta por uma sobrevivência.

A clonagem ameaça, porventura, outras dimensões da nossa sobrevivência.

Uma nova tecnologia de procriação permite dotar uma criança de três mães – a dadora de cromossomas, a dadora de óvulo, a dadora de útero.

A nova biologia molecular viabiliza uma nova parentalidade génica, cartograficamente informatizada, seleccionando os desafios e as fantasias que a caixa de Morris, porventura, já não comporta.

Foi outro génio da criatividade humanista – Miguel Ângelo – que terá dado a resposta às inquietações de sempre reportadas à sobrevivência moral do Homem.

Na criação de Adão, Miguel Ângelo terá representado afinal o que significa o último objectivo do corpo construído – a partilha relacional encontrada quando do prolongamento de um olhar, de um braço estendido, de uma mão entregue, de um dedo expectante.

Para o homem primitivo a representação humana era exclusivamente subjectiva.

Na arte rupestre de Lescaux o corpo humano estava simbolizado entre o pássaro e o bisonte como que suspenso num espaço representado como prolongamento de um corpo ainda só primariamente construído.

Bosch e depois Chagall retomaram esta simbologia acrescentando a subjectividade, o objecto de vivências partilhadas ainda que transcendentais ao espaço habitado, tradicional.

O homem voando em cima de um peixe ou voando por cima de telhados constrói-se nessa viagem voada, mas nessa construção ele está acompanhado, comunicante, continuado.

Nas transições intermédias da História de Arte o corpo foi sucessivamente objectivado e detalhadamente construído numa interessante procura de beleza que teve um apogeu na arte egípcia.

São as mãos e a face o objecto desta estilização formal que hoje sabemos ser tão dependente de alguns produtos segregados por células embrionárias.

A forma mais ou menos arredondada do nariz, do queixo, das pálpebras e das maçãs do rosto dependem do tipo de informação de algumas células provenientes de uma estrutura embrionária transitória que é a crista neural.

Se repararmos bem em cada bebê, mesmo na face objectivada o olhar transcende a cara construída por mais bela que ela seja. Tal como escreve Paulo Cunha e Silva ⁽¹⁸⁾, «*o olhar surge como uma fábrica de lugares e como um objecto fabricado pelo lugar*».

O olhar produz lugares porque confabula, cria, atreve-se.

Na epistemologia ecológica, o lugar do corpo é sempre uma extensão de si próprio.

Na revisitação de Aristóteles dir-se-á que podemos olhar para o corpo a partir do espaço e para o espaço a partir do corpo.

No mistério de uma qualquer face a beleza estará no olhar porque ele existe em função dum espaço que pode

ser o de algum outro, também mistério, também presença, construída.

É neste constructo que Sami-Ali ⁽¹⁶⁾ entende que cada cara é porque existe «no ponto de vista do outro».

Aquilo a que David Rodrigues ⁽¹⁵⁾ chama «corpo percebido» e Wagner Moreira ⁽¹⁰⁾ «o corpo presente» é isso mesmo – o percebido ou presente partilhado – o que significa coentendido porventura numa auto-percepção participada com outros pontos de vista, com outros olhares ou com outros sentires.

Estarei eventualmente agora próximo da concepção que, entretanto, fui construindo sobre «o corpo construído».

Que seja permitido ao Pediatra equacionar as transições do corpo em construção de modo a poderem vir a ser perspectivadas questões que julgo pertinentes e, porventura, ainda não respondidas satisfatoriamente.

Que etapas na organização precoce da imagem corporal?

Quando é que o bebê se individua da sua mãe?

Que papel dos outros significativos no nosso corpo construído?

Como se caminha da simbiose à descoberta dos outros corpos construídos?

Quando o bebê descobre as suas mãos, depois os seus pés e depois a sua cara ao ver-se ao espelho, como é que se desenvolve a aquisição da auto-imagem do seu eu?

Quando dois bebês gémeos ou companheiros de uma sala de creche se observam ou se tocam, como se desenvolve, dentro de cada um, a ideia do outro?

Apesar de todos os progressos científicos, nomeadamente da Neurociência, continuamos sem perceber como é que o bebê interpreta o que se passa consigo e, sobretudo, o que se passa entre si e os outros.

Neste mistério está, naturalmente, integrada a interrogação sobre o modo como são interpretadas pela criança, as fases evolutivas da auto-percepção do seu corpo.

Na Idade Média a concepção da construção do corpo identificava-se com a disposição do mundo. Para a astrologia medieval corpo e mundo eram concêntricos ao próprio útero.

O feto representava, assim, um microcosmo, mera réplica de um macrocosmo sensível dependente das influências planetárias.

O significado da duração da gestação tinha, assim, a representação de uma crença astrológica.

Uma gravidez com uma duração menor de seis meses não era viável porquanto nem todos os planetas tinham podido exercer a sua influência; um nascimento ao oitavo mês de gravidez também não era propício porque o oi-

tavo mês representava o retorno de Saturno, planeta frio e seco.

O nascimento favorável identificava-se com o nono mês, mês de Jupiter indicador de sorte e de sucesso.

Depois do nascimento, o desenvolvimento do bebê nos primeiros meses de vida é o de uma evolução simbiótica com a sua mãe o que só posteriormente dá lugar a uma individuação progressiva.

Em cada nova fase transicional a grande questão porventura ainda não decifrada, é esta: como é que cada bebê lê o modo como vai sendo amado?

O desafio que esta questão encerra vai-nos acompanhando, entretanto, ao longo das sucessivas transições no nosso ciclo de vida.

O corpo do bebê constrói-se ao ritmo e à imagem de uma construção global para a qual sabemos hoje ser fundamental o vínculo afectivo e moral dos primeiros tempos de vida.

Direi que o desafio actual mais significativo para a educação do futuro está identificado com a representação para a criança das primeiras experiências de vida, representação essa sobre a qual cada criança vai erigir o seu modo de estar com o mundo, com os outros e com as coisas, feitas suas descobertas.

O modo como cada criança lê o seu corpo construído é determinante do modo como vai ler outros e sobretudo as suas relações com os outros.

Leonardo, Miguel Ângelo, Chagall e tantos outros terão entendido, sintonicamente, o mistério da construção do corpo partilhado mas só hoje conhecemos, adequadamente, o significado potencial desta construção, particularmente nos primeiros tempos da vida.

Aprendemos com Bowlby que é a partir do modo como cada bebê lê as suas primeiras relações no contexto da qualidade do seu envolvimento afectivo, que constrói a sua atitude face às suas futuras interações.

Na última década temos sido tentados a deduzir evoluções a partir do modo como é processada a experiência precoce.

Actualmente acreditamos que ao invés de um determinismo preferencialmente biológico, será o modo como cada bebê interpreta subjectivamente as suas experiências sucessivas o que determina o seu porvir em termos de expectativas, de resiliência e, conseqüentemente, de sucesso.

O corpo construído tem, para nós, hoje, o sentido de uma leitura global, preferencialmente relacional.

O círculo contentor do Homem de Leonardo ter-se-á expandido para os limites da abóbada da Capela Cistina que Miguel Ângelo ilustrou e alargou-se ainda para o horizonte global que Picasso e outros nos legaram.

Talvez nos falte ainda a ilustração daquilo que cada bebê lê quando constrói os seus vínculos mais precoces.

Quem, porventura, o definir desvendará, talvez, o segredo da vida.

Bibliografia

1. Almeida MV. Corpo Presente. Treze reflexões antropológicas sobre o corpo. Celta Editora. Oeiras, 1996.
2. Beckett S. Watt. Olympia Press. Paris, 1953.
3. Candilis-Huisman D. Naître et après? Du bébé à l'enfant. Gallimard. Paris, 1997.
4. Constantino M, Reid A. Leonardo. Mallard Press. New York, 1991.
5. Fiadeiro I. «Lumaluma» e «Rakotak». In: Almeida MV. 104-124. Celta Editora. Oeiras, 1996.
6. Gomes-Pedro J. A criança e o mundo em mudança. *Acta Pediatr Port* 1998, 29: 421-9.
7. Kagan J. Three seductive ideas. Harvard University Press. Cambridge, 1998.
8. Lopez J. Editorial. In: Science et Vie Junior. Paris, 1999.
9. Merleau-Ponty M. The visible and the invisible. Northwestern University Press. Evanston, 1968.
10. Moreira WW. Corpo presente. Papyrus Editora. São Paulo, 1995.
11. Morris R. The mind-body problem. The Solomon R. Guggenheim Foundation. New York, 1994.
12. Museu Nacional de Arte Antiga. As tentações de Bosch ou o eterno retorno. Lisboa, 1994.
13. Panjabi C. Great Curries of India. Rupa. New Delhi, 1995.
14. Raynes J. Human Anatomy of the Artist. Hamlyn. London, 1979.
15. Rodrigues D. O corpo como lugar de cura. *Rev Ed Especial e Reabilitação* 1999; 6: 31-35.
16. Sami-Ali. Corps réel – Corps Imaginaire. Dunod. Paris, 1984.
17. Schaffer HR. The early experience assumption: Past, present and future. *Int. Journal of Behavioral Development*. 2000, 24: 5-14.
18. Science et Vie. La vie au tout début. 210, 2000.
19. Silva PC. O lugar do corpo. Elementos para uma cartografia fractal. I. Piaget. Lisboa, 1999.